

Blog do Orlando Margarido

Da Aurora

por Orlando Margarido — publicado 26/01/2012 20h19, última modificação 03/02/2012 15h00

Tiradentes – Enfim, volto a comentar o que tenho visto e ouvido, nos debates, na mostra de de cinema, afinal o motivo que me trouxe até a histórica e graciosa Tiradentes. Tanto material acumulado dos últimos três dias, no entanto, me obriga a analisar em blocos para dar alguma ordem e coerência a programação. Isso porque se trata da seção Aurora, a mais interessante e razão de ser do festival. São jovens participantes, quando não estreantes, os diretores que apresentam seu filme aqui. Três deles já foram exibidos.

(...)

Muito melhor enredado com seu material é *As Horas Vulgares*, raro representante do cinema capixaba, dirigido por Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize. Ainda que de uma irregularidade, que afinal faz ressaltar suas qualidades, temos aqui a tentativa de uma representação geracional não necessariamente local, mas que aguça uma sensação de mal estar da juventude do Espírito Santo. Os diretores, inclusive, destacaram o sentimento na conversa tradicional do dia seguinte ao longa. Baseado num romance dos anos 70, um elemento curioso pois detecta situação similar então e agora, traz a crise de angústia de Lauro expandida para todo seu grupo de amigos que nele o tem como espécie de líder. Seu companheiro mais próximo, Theo, é o mais influenciado pela dor do amigo, aliás como em geral são os homens da turma, o que deixa as mulheres como “graças” lamentadoras da situação. É um filme também sobre a amizade masculina que se mantém sempre a um passo de sugerir um amor maior entre os amigos, sem jamais conduzi-la para o campo da homossexualidade. Nesse ponto, aproxima-se de longas recentes, como *Os Monstros e Estrada para Ythaca*, ambos do coletivo cearense *Alumbramento*, do qual faz parte o montador de *As Horas Vulgares*, Luis Pretti. Num preto-e-branco rigoroso da fotografia de Lucas Barbi, a força do filme, numa trajetória com já foi lida aqui em *Tiradentes* como sendo de ascendência cristã – Lauro como esse Cristo que se sacrifica pelos demais -- é em muito retirada das imagens, da postura dos personagens, suas atitudes, e menos dos diálogos que por vezes são superficiais, mesmo desnecessários. É até agora o filme que melhor se enquadra na percepção de um cinema de frescor, de risco, que se almeja aqui na mostra.